

# Uma nova pátria de chuteiras

RONALDO HELAL

Um espectro parece rondar o país: o silêncio em relação à Copa. Qual a razão deste silêncio? Por que os brasileiros não parecem motivados com o evento? Por que as ruas não estão enfeitadas como em outros Mundiais?

Primeiro, temos que entender que já se foi o tempo em que a vitória ou derrota da seleção em Copa era vivenciada como derrota ou vitória de projetos de nação brasileira, como ocorreu em 1950 e 1970, por exemplo. Isto é positivo e pode ser entendido como o resultado da consolidação da democracia e de uma maior organização da sociedade civil. Os resultados da seleção em Copas do Mundo não mais transcendem o universo esportivo. Hoje, ficamos tristes quando perdemos e celebramos quando vencemos, mas sabemos que o país não vai ficar pior, ou melhor, por conta disso.

Segundo, se refletirmos um pouco, observaremos que o interesse do brasileiro pela seleção vem declinando nas últimas décadas. Não é de agora,

Por conta de uma série de fatores como a globalização, o declínio dos estados-nações no mundo, o êxodo dos nossos melhores jogadores para a Europa e, com isso, a desterritorialização do ídolo, a pátria de chuteiras já não contém mais o mesmo sentido que tinha na época em que o dramaturgo e cronista esportivo Nelson Rodrigues dessa forma alçou nossa seleção. O torcedor de hoje torce mais para seu time de coração do que para a seleção. A vitória do seu time no Brasileirão tende a ser mais importante e celebrada do que uma conquista de Copa pela seleção. Isto pode ser bom ou ruim, dependendo do ponto de vista e de onde se esteja analisando. Pode ser ruim para a Fifa, mas pode ser bom para os campeonatos locais.

Terceiro, algo ocorreu durante a Copa das Confederações que está afetando este momento. As diversas manifestações que tomaram as ruas do país demonstraram a insatisfação da população com a política do país e resultaram,

de imediato, na prisão de um deputado, na transformação da corrupção em crime hediondo e na retirada de uma proposta de emenda constitucional — a PEC 37 —, que ficou conhecida, justa ou injustamente, como a PEC da impunidade. Além disso, elas geraram também alguns questionamentos sobre a relação do brasileiro com a seleção e a política. Um deles dava a entender que quem gosta de futebol e torce pela seleção seria um alienado político, um sujeito contra as manifestações. Ora, este é um raciocínio frágil, simplista e maniqueísta, que não se sustenta após uma análise mais criteriosa. Uma coisa não exclui a outra. Pode-se gostar de futebol e também da seleção e ainda assim protestar democraticamente contra a corrupção, o excesso de gastos públicos com a organização da Copa e coisas do gênero.

No entanto, este raciocínio parece ter inibido uma maioria que não se percebe como tal e, por-

tanto, se sente envergonhada de externar seu interesse pela seleção e pela Copa no país. O sujeito quer dar um basta na corrupção, critica os excessos de gastos para a construção de estádios, reclama da situação da saúde e da educação pública no país, mas ao mesmo tempo quer torcer pela seleção e colocar a bandeira do Brasil na janelinha. Não o faz porque receia a crítica do vizinho.

No momento em que a maioria silenciosa se percebe como maioria, o entusiasmo deve voltar. Apesar de que não será mais com o ufanismo de antigamente. Neste sentido, o Brasil mudou, e para melhor. Os quase 30 anos de regime democrático proporcionaram certo amadurecimento político da população. A seleção ainda pode ser vista como a pátria de chuteiras em períodos de Copa do Mundo, mas o sentido simbólico deste epíteto não tem mais a força que tinha no passado. ●

Ronaldo Helal é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

N. da R.: Veríssimo escreve temporariamente no caderno Copa 2014

# Cartão vermelho para o gasto irregular

AUGUSTO NARDES

O brasileiro veste a camisa. Somos um povo que se dedica ao que faz, e mostra alegria no fazer. Como ressaltou Câmara Cascudo, o melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro. O padreiro, o executivo de vendas, o motorista de ônibus, desde o mais humilde até o mais graduado dos cidadãos, todos vestem a camisa, dão o melhor de si e fazem o Brasil melhor.

Nós, do Tribunal de Contas da União (TCU), também vestimos a camisa, a camisa do controle da fiscalização dos gastos públicos. Agora na Copa do Mundo da Fifa, fiscalizamos os gastos realizados com a mesma independência e isenção com que sempre controlamos o emprego de quaisquer recursos públicos federais com vistas à sua correta aplicação. Nem mais nem menos. Não houve exageros, tampouco omissão da fiscalização.

No exercício do controle externo dos recursos públicos federais, o TCU não tem participação na execução das obras públicas, mas temos mandato assegurado pela Constituição Federal para buscar, em nome da população, que haja qualidade nas obras que lhe sejam entregues. E apontamos os problemas à medida que foram sendo revelados. Somente na fiscalização dos financiamentos para as arenas, contribuímos para que o país fizesse uma economia de R\$ 700 milhões, dinheiro suficiente para construir um estádio. Nossas auditorias revelaram problemas em diversas cidades que são sedes de jogos da Copa do Mundo, como Cuiabá e Natal, entre outras. Das obras de mobilidade urbana, que a princípio deveriam ser o grande legado transmitido pela Copa para a população brasileira, apenas 43% ficaram prontas.

O Brasil não pode continuar dessa forma. O que se revela da análise que o TCU fez é que o Brasil precisa planejar melhor. Não apenas planejar a execução dos investimentos, mas também a sua distribuição espacial. Não adianta continuarmos a apresentar um crescimento vertical com desigualdade regional, sem efetivo desenvolvimento, sem avaliar as políticas públicas, com direcionamento de recursos para regiões que já estão sem condições de desenvolvimento. É necessário, por exemplo, que o BNDES avalie para onde estão sendo alocados os recursos, estabelecendo zonas diferenciadas de desenvolvimento nas regiões mais deprimidas do país.

Com a especialização de suas secretarias implantada em 2013, e com o lançamento das auditorias coordenadas, o TCU começou a apontar onde estão os gargalos em educação, saúde, meio ambiente, segurança pública, tudo de forma sistematizada. Também em 2013 iniciamos um estudo, em parceria com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômi-



CLAUDIO DUARTE

**Depois da Copa, que esperamos seja conquistada pela nossa seleção, vestiremos de novo a nossa camisa do controle e iremos continuar fiscalizando**

co (OCDE), uma das instituições mais avançadas do mundo em matéria de governança, para buscar as boas práticas das Entidades de Fiscalização Superior de 12 países e aplicá-las no Brasil e na América Latina, no âmbito da Organização Latino-Americana e do Caribe de Entidades Fiscalizadoras Superiores (Olapecfs).

O TCU está engajado em um projeto de Estado, para pensar o país a longo prazo. As críticas e os comentários formulados não devem ser encarados como contestação, ou como sentimento antipatriótico, mas como estímulo

ao planejamento e à mudança cultural. Vestimos a camisa e fizemos nosso trabalho. Agora é hora de vestir a camiseta amarela e torcer pelo Brasil. Torcer pelos gols de Neymar, Fred e de toda a equipe.

Depois da Copa, que esperamos seja conquistada pela nossa seleção, vestiremos de novo a nossa camisa do controle e iremos continuar fiscalizando. O país deve estar preparado para evitar que nas Olimpíadas de 2016 erros semelhantes se repitam. A matriz de responsabilidades das Olimpíadas já está sofrendo alterações, com retiradas de obras que seriam o grande legado dos Jogos Olímpicos para a cidade do Rio de Janeiro. Estamos de olho, mesmo vestindo a camiseta amarela. E torcendo pelo Brasil, dentro e fora de campo. ●

Augusto Nardes é presidente do Tribunal de Contas da União

# Longe da violência, perto do debate

ESTHER SOLANO GALLEGO

Sou amante do debate. Gosto de desafiar argumentos e intuições, construir polêmicas sobre ideias, não sobre nomes próprios. Não sou adicta a ortodoxias. Quem me conhece sabe que sou pregadora fiel do diálogo até entre partes definidas como antagonônicas por um leviano e simplório maniqueísmo social que muito ajuda para a neurose e pouco para o avanço. Não sacramento nada, nem minha própria opinião, que está aqui para ser construída, amadurecida e talvez mudada.

Discutir conceitos, não pessoas. Julgar por umas aspas de jornal, desconhecendo o contexto da fala, carece da legitimidade mínima que o bom encontro dialético precisa, mas, já que os “40 garotos” parecem ser assunto relevante, permitam-me explicar.

“Num país onde mais de 50 mil pessoas são mortas por ano, como é possível essa histeria com 40 garotos?” Sim, essa é a expressão de meu estupor cotidiano. Levo um ano nas ruas acompanhando o fenômeno do black bloc. Cada dia concedo entrevistas para imprensa nacional e internacional. Sim, sinto-me estupefata porque nunca vi tanto debate sobre as outras violências, incessantes e brutais, que o

Brasil naturaliza de forma feroz. Não entendo que as estatísticas desumanas de homicídios, estupros, ou encarceramentos não mereçam também manchetes e reflexões prioritárias. Não entendo que os brasileiros não parem tudo, exigindo respostas contundentes, proclamando um basta definitivo. Assusta-me a convivência silenciosa com a tragédia diária.

**Enxergo no black bloc o sintoma de um país que se asfixia no seu descrédito absoluto no poder público**

Sejamos inflexíveis com a violência, sim, mas não só com a que acontece na frente dos holofotes e comercializa jornais, com a invisível também. Repudiemos, mas não sejamos tão hipocritamente seletivos.

Nunca defendi a violência. Minha única impertinência foi ir às ruas e tentar entender antes de opinar. Longe da “fogueira purificadora”, enxergo no black bloc o sintoma de um país que se asfixia no seu descrédito absoluto no poder público.

Entristecem-me as cenas vividas nas ruas,

talvez porque saí de meu conforto e as vi de perto, não protegida emocionalmente pela tela da TV. Meu lugar não é em “salas climatizadas”. Magoa ver policiais e manifestantes feridos, porque embora pareça um ser insensível para quem lê o artigo do senhor Magnoli, acreditem, disto disso...

Converso muito com manifestantes e com policiais, apostando no diálogo e fugindo de radicalizações. Sempre fui bem recebida, talvez porque é evidente meu desejo decidido de aprender, minha negativa ao julgamento descuidado e a certeza de que todos têm algo valioso a me ensinar. Tento enxergar as pessoas por trás da máscara e por trás da farda. Acredito veementemente que a academia deve observar sem arrogância e outorgar voz à sociedade.

O Brasil precisa urgentemente de debate. São muitas as feridas que lhe angustiam. Pensemos, pois, discordemos. Aprendamos.

Fica um convite sincero para o senhor Magnoli para um debate ou uma manifestação.

O insulto nunca. Essa é a derrota final. ●

Esther Solano Gallego é professora de Relações Internacionais da Unifesp e escreveu este artigo em resposta à coluna de Demétrio Magnoli “Quarenta garotos”, publicada na edição de 5 de junho

# Crônica de outra morte

MILTON CALMON FILHO

Era uma noite de chuva fina, e a pelada, como sempre, tinha começado atrasada na quadra de futebol de salão do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), na Rua das Laranjeiras 232. Antes de dividirem os times, eu e meu irmão mais velho conversamos com nosso pai, que há mais de três semanas não aparecia, e ele disse que havia sido liberado pelo cardiologista, depois de uma bateria de exames, pois tinha pressão alta e passara mal um mês antes, mas nada grave. E assim foi para o gol pela última vez. Cerca de meia hora depois, pegou uma bola praticamente recuada e caiu quase abraçado a ela na entrada da área. A tensão inicial virou desespero quando concluímos que era um ataque cardíaco e que ninguém ali sabia o que fazer. Carregamos o velho para o carro dele e subimos a Rua das Laranjeiras até o número 374, endereço do Instituto Nacional de Cardiologia. Parece maldade divina ou do demo morrer do coração diante de um hospital especializado no assunto. Mas só a maldade humana torna possível que tal crueldade aconteça, sem ao menos uma tentativa de salvamento — e ainda se repita.

Paramos na calçada do instituto e entrei desesperado no saguão. O atendente disse que ali não era emergência, que fôssemos ao Miguel Couto, na Gávea. Insisti, pedi um médico,

**Só a maldade humana permite que alguém morra do coração na frente de um hospital especializado e que isso se repita**

ciente de que cada minuto sem socorro só piorava a situação. Nada. Nenhum médico apareceu. Ninguém foi lá fora dar uma espiada no homem agonizando no carro, só os curiosos da rua se aproximaram. Partimos então para o modo mais drástico: arrastamos o corpo até o saguão. Diferentemente da vítima da semana passada, meu pai ao menos foi levado para uma sala do hospital. Mas morreu entre o abraço na bola no número 232 e a espera na calçada no número 374 da Rua das Laranjeiras.

A pelada no Ines morreu também. Apesar das negativas iniciais de atendimento, ninguém na família pensou em processar o Instituto de Cardiologia. Mas se tem algo que nunca esqueci foram as palavras do atendente ao ver meu pai estirado no saguão. “Também, gordo desse jeito, era mesmo para infartar”. E o velho nem era obeso. Aos 71 anos, tinha 1,74m e devia pesar uns 85 quilos. Tinha sim uma significativa barriga das muitas cervejas que bebíamos juntos, principalmente depois de cada jogo.

Tudo isso vai fazer dez anos em agosto. Talvez a direção do hospital, os médicos e mesmo o atendente tenham mudado. Mas os procedimentos, pelo visto, continuam os mesmos. Sabemos que a morte não escolhe hora nem local. Mas melhor rezar para ela não tocar em seu coração perto da Rua das Laranjeiras 374. Ali não tem emergência que o salve. ●

Milton Calmon Filho é jornalista